

Seminário FESPSP “Cidades conectadas: os desafios sociais na era das redes”

17 a 20 de outubro de 2016

GT 13 - Relações raciais e étnicas na América Latina: Identidades e enfrentamentos

Título: Extratos de raps do Grupo Realidade Negra do Quilombo do Campinho da Independência no enfrentamento do racismo e transformação da condição negra

**Renata Câmara Spinelli (Mestre FEUSP)¹
Maria Cecília Cortez Christiano de Souza (Professora Titular FEUSP)²**

Resumo

Uma pesquisa de campo realizada com os rappers do Grupo Realidade Negra do Quilombo do Campinho da Independência, localizado em Paraty (RJ), bem como a análise das letras das canções de seu CD “É prus Guerreiro a Missão”, foram tomadas como base para a reflexão sobre as relações étnico-raciais e a educação. A análise da proposta musical do mencionado CD, gravado no dia da Consciência Negra para homenagear os dez anos de titulação deste quilombo, acabou por revelar um processo de assunção, por parte dos rappers, de múltiplas categorias identitárias superpostas – como negros, como rappers, como militantes, como membros de igreja, como quilombolas. A partir dessas identidades afirmadas, algumas em processo de construção, os integrantes do grupo procuram nas suas canções valorizar diferentes aspectos da cultura local e, através do rap, buscam formar a juventude que constitui seu público, indicando caminhos para o enfrentamento do racismo, sugerindo modelos de identificação e direções para obter reconhecimento. Mediante fragmentos de discurso extraídos tanto das canções do

¹ Renata Câmara Spinelli, psicóloga e professora, aperfeiçoamento e lato sensu em Psicanálise pela PUC-SP, Mestre na linha Psicologia e Educação pela FEUSP, São Paulo, Brasil. E-mail: renata-spinelli@usp.br.

Parte da discussão presente nesse artigo está contida na Dissertação de Mestrado: “Grupo Realidade Negra do Quilombo do Campinho da Independência: o rap na formação da juventude negra”, 2016, FEUSP, de autoria de Renata Câmara Spinelli e orientada pela Profa. Dra. Maria Cecília Cortez C. de Souza na linha de pesquisa Psicologia e Educação.

² Maria Cecília Cortez Christiano de Souza é Professora Titular da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – FEUSP, autora de diversos livros e artigos. E-mail: mcccs@usp.br.

grupo quanto de entrevistas realizadas, buscamos apreender a elaboração da experiência desses rappers dentro e fora do quilombo e sua proposta formadora.

Palavras-chave: negros, racismo, juventude negra, educação, rap.

Introdução

A partir de pesquisa realizada de 2012 a 2015 junto aos rappers do grupo Realidade Negra³ (doravante também RN) do Quilombo do Campinho da Independência (doravante Campinho) buscamos, principalmente, compreender o que os integrantes dessa banda julgam pertinente e eficaz como resistência política relacionada a modos de enfrentamento da discriminação de que são alvo os jovens negros. A identidade negra, dentro da proposta do grupo, apresenta-se como capaz de restaurar, mediante a história, o negro no papel de sujeito.

O imaginário histórico de perspectiva branca procurou marcar a escravização como ato sofrido passivamente; ignorou a história do negro antes, durante e depois da emancipação. Ao falar de sua experiência subjetiva, ao resgatar resistências, grandes e pequenas, ocultadas pela história oficial, as canções desse grupo de rappers procuram organizar um campo de sustentação e de luta, dissolvendo a ambivalência do racismo, que fere e procura negar o ferimento, subestimando, discriminando ou tornando o negro invisível.

Autores como Frantz Fanon (2008), Kabengelê Munanga (2006), Carlos Hasenbalg (1979), Lourdes Carril (2006) e Antonio Sergio Guimarães (2003) colaboram para fundamentar a reflexão aqui presente. Procuramos abarcar as repercussões subjetivas e o caráter estruturante do racismo na sociedade brasileira. Por outro lado, Maíra Ferreira (2012) apresenta o estímulo à reflexão sobre o rap como forma de reconfiguração da condição negra pela arte musical. A intenção do presente artigo é reforçar a necessidade de compreender como uma banda de rap, formada dentro de um quilombo, lê o passado, o presente e o futuro do negro.

³ Facebook da banda: Facebook Realidade Negra Rapquilombola. Vídeos com as canções do Grupo Realidade Negra também são encontrados no Youtube.

Também como os integrantes do grupo percebem as consequências subjetivas do racismo, e como compreendem a luta por acesso a melhores condições futuras. Revelam, em seu esforço formador, sua percepção do que é e o que deve ser mudado na educação de crianças e adolescentes de dentro e de fora do quilombo, o que compreendemos que pode contribuir para a reflexão sobre o atendimento à lei 10.639/03.

Quilombo do Campinho da Independência

O Quilombo do Campinho da Independência⁴ (Campinho), localizado a aproximadamente dez quilômetros da cidade de Paraty no Rio de Janeiro, se situa na Rodovia Rio-Santos, km 584, em Paraty, uma cidade turística das mais visitadas por estrangeiros no Brasil. A cidade possui características preservadas da época do Império, principalmente em sua arquitetura e no seu peculiar chão de pedras. Por outro lado, sua aparência bucólica e tranquila, como aparece nas telas de TV, esconde que é também uma das cidades com um dos maiores índices de violência que os moradores associam a disputas de territórios por traficantes de drogas⁵. Paraty, assim, apresenta-se no Mapa da Violência (WAISELFISZ, 2015) como a segunda cidade mais violenta do estado, com altíssimo índice de homicídios relacionados ao uso e tráfico de drogas.

⁴ Há diversas reportagens e documentários sobre o Campinho no youtube; dentre eles, recomendamos o disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=F1SwUN-DTKs>. Acesso em 15 Out, 2016.

⁵ WAISELFISZ, Julio Jacobo. Mapa da Violência 2016: homicídios por armas de fogo no Brasil. Rio de Janeiro, RJ: Flacso. 2015. 71p.

Disponível em http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2016/Mapa2016_armas_web.pdf. Acesso em 15 Out, 2016.

Segundo o Mapa da Violência no Brasil, ainda que possamos considerar que no âmbito das Unidades Federativas os Estados de São Paulo e Rio de Janeiro tenham reduzido pela metade a taxa de homicídios no período compreendido entre 2004 e 2014, bem como suas capitais respectivas, observa-se que a cidade de Paraty, com uma população Média entre 2012 e 2014 de 39.380 pessoas, encontra-se em 48º. Lugar entre todos os municípios brasileiros no que tange a homicídios por arma de fogo no Brasil, com uma taxa média de 60,9 / 100 mil hab., o que a classifica entre os 150 municípios com maiores taxas médias (com mais de 10.000 habitantes, no Brasil). Ainda, quanto ao perfil vitimizado, em sua maioria negra e juvenil.

O quilombo chama-se Campinho em função do campo de futebol lá localizado, e Independência porque pertencia à antiga Fazenda Independência. Quem visita o Campinho, logo da rodovia avista uma choupana para venda de artesanatos à beira da estrada. Sendo um quilombo com características rurais e turísticas, buscando sua autossustentabilidade, além do restaurante logo à entrada do quilombo que lhes ajuda em sua sobrevivência, os moradores oferecem visitas programadas a turistas – principalmente escolares – o que leva à organização de apresentações de jongo, contação de histórias pelos griots), visitas à roça, venda de artesanato.

Seus habitantes contam que a formação do quilombo foi marcada por três mulheres: “Vovó Antonica, Tia Marcelina e Tia Luiza que, com base no regime matriarcal, conduziram o processo de desenvolvimento local”. Conquistaram o “título de propriedade definitiva das terras, pelo Governo do Estado do Rio de Janeiro, no dia 21 de março de 1999 (dia Internacional de Luta pela Eliminação da Discriminação Racial)”; na comunidade “vivem cerca de 150 famílias em 287 hectares de terras organizadas em 13 núcleos familiares”. (conforme extraído do panfleto que divulga seu “Roteiro etno-ecológico, Turismo Cultural de Base Comunitária”, s/d).

O contexto formal e não-formal da educação no Campinho

No espaço do Campinho, a escola municipal segue somente até a 4^a. série e atende também às comunidades vizinhas. Após a 4^a. série a criança tem que se dirigir à cidade mais próxima, isto é, Paraty, pela Rodovia BR-101 (Rio-Santos), para dar continuidade aos seus estudos. Isto é dificultado por diversas razões, que compreendem desde a indisponibilidade de transporte, o perigo de transitarem ou aguardarem o ônibus no acostamento da rodovia até considerações sobre as dificuldades de crianças se dirigirem à escola enquanto os pais estão no trabalho, o cumprimento regular do horário e atendimento das aulas, além do baixo estímulo diante da pouca empregabilidade no mercado de trabalho local. Enfim, observa-se um alto índice de evasão escolar, tanto entre a população do Campinho quanto de outras comunidades da região.

A questão aqui se pretende abrir para a discussão: qual seria a expectativa de vida diante das seguintes situações 1) crianças e jovens com grande apêgo fetichista às novas tecnologias digitais (principalmente através da internet e do celular), embora no caso dos moradores do Campinho, somente nos últimos anos implantou-se o sinal regular; 2) a presença massiva de equipes ligadas às mídias televisivas (principalmente Rede Globo), isto é, de atores, técnicos, produtores, uma vez que a região oferece bonitos cenários naturais; 3) a perspectiva de baixa ambição no plano de estudos no ensino médio, técnico e superior em função das escolas distantes; 4) empregos sazonais operacionais para jovens, principalmente voltados ao turismo (Paraty situa-se como a segunda cidade turística mais visitada no estado do Rio de Janeiro e entre as dez preferidas no país); 5) mercado consumidor de turismo em expansão e também de tráfico de drogas 6) instituições religiosas com propostas de educação e ao mesmo tempo de recuperação de jovens, vistos como seres carentes de autoestima muitas vezes tomando para si o papel educacional que deveria ser realizado por um Estado laico. Quais as instituições, portanto, encontram-se presentes para suavizar ou mesmo negociar as contradições sociais e oferecer ao jovem caminhos de vida digna onde há baixa condição econômico-social e dificuldades de acesso a oportunidades e direitos?

Desta forma, compreendemos que a naturalização da exclusão pelo racismo os permitiu concentrarem-se em instituições religiosas os caminhos de jovens organizarem suas reivindicações. Nessas organizações, há a clara consciência da ausência do Estado em sua obrigação de oferecer estudos devidos (formação contínua) às comunidades relativamente distantes dos centros, mantendo-os com baixo acesso à empregabilidade bem remunerada. Entendemos que, ainda que não haja oficialmente a continuidade da instituição jurídica da escravidão, Carril (2006, p.185), em seus estudos sobre a periferia, esclarece que “a exploração do trabalho, a ausência do emprego, as escolas públicas que mal preparam, as doenças, a falta de saneamento, a perseguição policial, os tiros da polícia e dos traficantes e a morte revelam os desdobramentos das permanências do processo histórico” ligados ao escravismo. Ou seja, uma estrutura que mantém a população – principalmente negra – à parte do acesso aos direitos civis.

CD “É prus guerreiro a missão”

A análise cuidadosa das canções do CD “É Prus Guerreiro a Missão”, composta de entrevistas para melhor compreensão das categorias que os próprios rappers autores fizeram emergir, revelaram o profundo cuidado do grupo na formação de suas crianças e jovens. Observou-se que a formação, como mencionamos, tem se dado, após o período escolar, essencialmente pelas Igrejas – Católica, Batista e Assembleia de Deus, localizadas no centro do quilombo. Tal fenômeno também é observado em diversas comunidades ao longo da Rodovia BR-101.

No caso dos rappers sendo alguns também líderes da Associação dos Moradores do Campinho (AMOQC), sua formação deu-se principalmente pelas igrejas evangélicas acima, sendo a Igreja Batista aquela que lhes ofereceu capacitação em instrumentos musicais. Ainda, tal espaço estabelece-se como lugar de convergência para a organização quilombola, luta por direitos, reflexão moral e ética – em suma, um espaço de formação e de afirmação de seus modos de ser e viver. As igrejas, não só nesta comunidade, apresentam-se como polos de concentração da cultura, configurando núcleos de encontro e promoção de pensamento e, fundamentalmente, de continuidade da educação interrompida. Os rappers compreendem a ausência do Estado na promoção da educação formal continuada no Campinho e entorno.

Em suas canções, buscam desnaturalizar certas falas e conceitos óbvios que escondem o preconceito e o racismo, por vezes denunciando-o. Em suas letras, revelam a profunda violência que enfrentam no seu cotidiano e a intensa presença de situações racistas às quais necessitam responder, resolver, preparar os novos jovens, buscando por vezes suturar o tecido social esgarçado para a condição negra e pobre, por vezes demonstrando que buscam o acesso a novas condições e, principalmente, a afirmação de valores de sua comunidade negra como elos de sustentação para a perspectiva futura dos jovens. No caso da região de Paraty, como mencionamos, a empregabilidade sazonal turística, a rara estabilidade no emprego e baixa remuneração acabam arremessando grandes contingentes da população jovem da cidade e do entorno em contextos de violência – fenômeno que tem ocorrido reincidentemente ao longo da Costa Verde, nos espaços urbanos ou

rurais. Encontramos em Abumansur (2011), a respeito de uma pequena vila na região costeira do sudeste do Brasil, onde observou seus modos de viver:

O Ariri, hoje, é um lugar com várias pousadas, restaurantes e passeios turísticos programados. Sua proximidade com a vila do Marujá, na Ilha do Cardoso, tem atraído muitos turistas, para alegria dos moradores e tristeza dos saudosistas. Na esteira do “progresso” vêm também os problemas (drogas, bebidas e adolescentes grávidas) e, na esteira dos problemas, vêm os pentecostais com as soluções.” (ABUMANSUR, 2011, p.398)

Hall (2006) já esclarecera que a hipótese o isolamento dessas comunidades relativamente distantes do tecido social não passam de uma hipótese fictícia:

As sociedades de periferia têm estado **sempre** abertas às influências culturais ocidentais e, agora, mais do que nunca. A ideia de que esses são lugares ‘fechados’ – etnicamente puros, culturalmente tradicionais e intocados até ontem pelas rupturas da modernidade – é uma fantasia ocidental sobre a “alteridade”: uma “fantasia colonial” **sobre** a periferia, mantida **pelo** Ocidente, que tende a gostar de seus nativos apenas como “puros” e de seus lugares exóticos apenas como “intocados”. Entretanto, as evidências sugerem que a globalização está tendo efeitos em toda parte, incluindo o Ocidente, e a “periferia” também está vivendo seu efeito pluralizador, embora num ritmo mais lento e desigual. (HALL, 2006, pp. 79-80 – grifos do autor)

Para além das semelhanças com os modos de viver de outras comunidades costeiras brasileiras observando a expansão do turismo e a conectividade, via redes, a todos os lugares, compreendemos, ainda, que a condição periférica do Campinho em relação à cidade de Paraty, bem como em relação às grandes cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, permite-nos aproximar os fenômenos de racismo, exclusão e tentativas de desterritorialização da população tal qual ocorrem na zona urbana, com sua manutenção às bordas das cidades como algo pertinente também a esse espaço rural. Por outro lado, o conhecimento do rap e a tomada desta forma musical como seu meio de expressão, suas conexões expandidas e busca de formação dentro e fora do Campinho revela seu acesso, abertura às influências do mundo e projeção a diferentes espaços, diferentes frequências.

O modo que os rappers apresentam e representam a exclusão em suas canções, principalmente por sua condição negra, revela as sutilezas em que ela se apresenta e os estragos naturalizados que tem causado. Os extratos de rap apresentam faces do racismo, de como observam a educação e a promovem – assim, propomo-nos a seguir a expor tais sutilezas e seu caráter de conscientização, portanto, ensinamento, denúncia ou cura de feridas subjetivas. Apresentam como

característica principal sua preocupação na valorização da educação/formação como o modo principal de se opor à violência. O objetivo fundamental é a explicitação da importância da transformação da condição negra, tão sedimentada na naturalização do racismo.

No capítulo 5 de seu livro, Fanon (2008/1952, p.104) lembra sua experiência vivida, mencionando um “Outro” cujo olhar naturaliza o modo de tratar o negro. Trata-se de um olhar branco que procura atribuir um lugar ao negro, seja humilhando, seja retirando sua humanidade pelos ditos e não ditos. É aquele que diz: “Olhe, um preto! [...] Mamãe, olhe o preto, estou com medo!”. Encontramos, ainda, em Fanon, o negro que revela sua experiência tão singular e tão amplamente encontrada:

Nessa época, desorientado, incapaz de estar no espaço aberto com o outro, com o branco que impiedosamente me aprisionava, eu me distanciei para longe, para muito longe do meu estar-aqui, constituindo-me como objeto. O que é que isso significava para mim, senão um desalojamento, uma extirpação, uma hemorragia que coagulava sangue negro sobre todo o meu corpo? No entanto, eu não queria esta reconsideração, esta esquematização. Queria simplesmente ser um homem entre outros homens. Gostaria de ter chegado puro e jovem em um mundo nosso, ajudando a edificá-lo conjuntamente. (FANON, 2008, p.106)

É tão profunda a consideração subjetiva de retirada da humanidade de todo um povo como descrito por Fanon (2008) que observamos esta mesma situação, descrita na canção *Sou quem Sou 100% Negro*, para o que o grupo Realidade Negra procura oferecer restauração, como observaremos. Assim, ser *rapper*, quilombola, e principalmente sujeito político, dependem de uma nova compreensão/condição de pertencimento ao povo negro - o que fazem a partir de seus valores locais como um caminho fundamental para que o negro procure seu acesso a direitos e oportunidades.

No 2º Congresso de Cultura Negra das Américas (Panamá, 1980), Abdias do Nascimento apresenta sua tese do quilombismo. Os quilombos são uma das primeiras experiências de liberdade nas Américas. Eles tinham uma estrutura comunitária baseada em valores culturais africanos. Sua organização política era democrática. Seu modelo econômico era o contrário do modelo colonial. Em vez de produzir um item só para exportação e depender da matriz imperial, tinham uma produção agrícola diversificada que provia seu próprio sustento e mantinham relações de troca e intercâmbio com as populações circundantes. O quilombismo propõe esse legado como referência básica de uma proposta de mobilização política da população afrodescendente nas Américas com base na sua própria experiência histórica e cultural. Vai mais longe ainda, e articula uma

proposta afro-brasileira para o Estado nacional contemporâneo, um Brasil multiétnico e pluricultural. (NASCIMENTO, 2002)⁶

Os rappers do Grupo Realidade Negra, em seu caminho de constituição de seu modo de ser quilombola, procuram se apropriar da referência acima para sua luta pela causa negra, estabelecimento de seu modo de ser quilombola e reconstituição de sua história.

José Maurício Arruti (2006), em seu livro “Mocambo: antropologia e história do processo de formação quilombola”, apresenta um detalhado estudo sobre os temas que se entrecruzam para a compreensão das situações e termos referentes aos processos de titulação de terras, conforme conhecido por seu trabalho como antropólogo e pesquisador com indígenas e com quilombolas. Sua reflexão acerca dos movimentos das populações quilombolas trouxe, para a nossa pesquisa, a percepção da importância de sua constatação que a identidade quilombola é processo em formação, uma trajetória. Isso foi observado nos discursos dos nossos rappers, nossos parceiros da pesquisa – tanto nas letras das canções, como em seus relatos, e também nos discursos dos moradores da comunidade. Assim, ainda que, juridicamente, estudos e laudos configurem teoricamente a identidade local de uma comunidade ou agrupamento, para a conquista do título de propriedade e mesmo após ela os atores, moradores locais, realizam o processo e a tarefa de compreenderem-se nessa condição identitária juridicamente adquirida.

Tivemos, portanto, a oportunidade de observar o RN como uma geração vindoura pós-titulação buscando apropriar-se da nova identidade como “quilombolas”, de rappers, etc. nos seus moldes locais. Melhor dizendo, a afirmação do pertencimento à comunidade titulada desencadeou um processo de composição identitária, mais do que uma identidade fixa a priori, atribuída pela dimensão, que pudéssemos supor estar pesquisando, e uma busca de reescrever a própria história do negro.

Segundo Nego Naldo, um dos rappers do Realidade Negra, em documentário⁷:

⁶ NASCIMENTO, Abdias. O quilombismo. 2 ed. Brasília/Rio: Fundação Cultural Palmares; O.R. Editora, 2002. Disponível em http://www.abdias.com.br/movimento_negro/quilombismo.htm. Acesso em 10 Out, 2016.

Tem uma identidade como Terra de Preto, como família de negros, né, mas esse conceito quilombo não fazia parte do nosso contexto. Eu que sou nascido em 1978, eu tive que entender um dia que eu sou quilombola. Então assim, a gente deixa essa luta como posseiro, processo de uso capião e a gente começa a assumir a luta enquanto remanescente de quilombo. E aí a gente começa o nosso processo de organização a dar um passo seguinte pra além da luta da terra, mas começamos a discutir modelo de desenvolvimento e implementação de projetos de desenvolvimento. (grifo nosso, 3:03 min no documentário)

O Grupo Realidade Negra

Os *rappers* do Grupo Realidade Negra⁸ são moradores do Quilombo do Campinho da Independência, em Paraty-RJ, sujeitos e parceiros da pesquisa mencionada. À época da pesquisa a banda possuía 8 (oito) componentes: Mano Romero, MC Nelhão, Nego Naldo, B2, Daw, Body Power, AKS e Fabio Black, entre 23 e 38 anos de idade. O grupo expôs suas opiniões com muita propriedade nos diferentes campos, mas principalmente no que se refere à organização social do Campinho, nas lutas em prol de sua comunidade, suas considerações políticas. Trabalham muito e muitas horas em diferentes atividades, algumas com pouca exigência de qualificação e outras que exigem alguma escolaridade (são pedreiros, garçons, um é marceneiro, um tornou-se motorista de ambulância, um é fiscal do IBAMA e outro trabalhou como gestor de políticas públicas).

Os membros da banda têm parentesco entre si. Quando se observam as características que auxiliam na titulação dos quilombos, entendemos que laços de consanguinidade favorecem a compreensão da permanência de determinados grupos familiares em determinada terra. O mesmo acontece com o Grupo Realidade Negra: é uma banda formada principalmente por primos a partir de duas famílias

⁷ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=N_Kkc44LAmM. Acesso em 28 de março de 2016. documentário com 11:44 min, de onde provém a transcrição. O título do vídeo é “Quilombo do Campinho – Conectado!”, realizado pelo Projeto Formação Gesac, enviado para o youtube em 27 de janeiro de 2011: “Moradores do Quilombo mostram sua trajetória de lutas e a importância da apropriação tecnológica consciente na defesa dos direitos e das culturas das comunidades tradicionais no Brasil.”

⁸ Documentário sobre o grupo e o quilombo disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=MuiHB_4nZDU. Acesso em 08 Fev, 2014. (aprox. 27 minutos); Veja também página no Facebook: Realidade Negra rapquilombola.

com herança musical – a Família Martins, com avô violeiro e a Família Santos, com pai sanfoneiro.

Entendemos suas canções como reveladoras de seu processo de apropriação de sua identidade como quilombolas após a titulação do Campinho⁹, o que fazem como sujeitos políticos que se preocupam em formar a juventude negra de sua comunidade, aprendendo ao mesmo tempo em que ensinam. Procuram ser ouvidos pelos jovens. Segundo Romero e Nélio em entrevista em julho/2012: “realidade é o que a gente fala e negra é a nossa comunidade”.

O rap como veículo para a conscientização

O rap é, assim, o veículo que encontraram para sua “missão” de “conscientização”, como dizem. Em várias canções o Realidade Negra pleiteia o acesso ao grupo de rappers, homenageando aqueles a quem tanto admiram, e revelam a importância do estilo musical como veículo para sua mensagem:

*Chegamos até aqui com ideia verdadeira
Realidade Negra com mensagem positiva
Pra quem não nos conhece RN é nossa sigla
(Canção Realidade Negra)*

O rap em geral – apresenta um caráter formador e uma escuta pelos jovens maior do que o caráter de instigador de violência que o preconceito contra ele procura divulgar. Promove um caminho musical para a expressão dos afetos – conteúdo afetivo veiculado de forma consciente e inconsciente, através da poesia, do ritmo, da melodia e da performance. O Grupo Realidade Negra realiza a encenação ritual com uma teatralidade nos moldes jovens.

Ferreira (2012) escreve sobre o rap:

⁹ Recomendamos assistir a entrevista oferecida por alguns membros do RN, especialmente a fala de Nego Naldo sobre o tema. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=N_Kkc44LAmM. Acesso em 28 de março de 2016. Documentário com 11:44 min. O título do vídeo é “Quilombo do Campinho – Conectado!”, realizado pelo Projeto Formação Gesac (um projeto de inclusão digital “desenvolvido pelo Ministério das Comunicações em parceria com o Ministério da Educação e com o CNPq.”), enviado para o youtube em 27 de janeiro de 2011: “Moradores do Quilombo mostram sua trajetória de lutas e a importância da apropriação tecnológica consciente na defesa dos direitos e das culturas das comunidades tradicionais no Brasil.”

Como resultado da diáspora dolorosa que desabrigou e desterritorializou milhões de seres humanos, envolvendo africanos, europeus e asiáticos, tem-se, no presente, um cenário produtivo em que tudo pode ser contaminado, deglutido e entrelaçado. O outro lado da diáspora a ser observado é a produção e a criatividade expressas por meio dos hibridismos culturais. Uma diáspora marcada não mais pela perda, pela erradicação violenta ou pelo domínio etnocêntrico, mas contra a esterilidade de uma condição imóvel e a miséria de uma identidade estável e protegida, que nos acompanha a vida toda como um seguro de vida ou uma impressão digital. (FERREIRA, 2012, p.78)

O rap brasileiro é um capítulo recente de uma história que se iniciou no século XIX, com o movimento de constituição da identidade afro por meio da música. Um capítulo que remonta à tradição dos afro-brasileiros de criar – com a música, as rimas e poesias – meios para sobreviver à escravidão. O grito, uma fala em via de se tornar um canto, um lamento ou uma denúncia foram formas musicais encontradas pelos escravos para expressar suas emoções no interior dos cativados. Essa forma de comunicação servia, inclusive, nas ocasiões em que mensagens secretas tinham de ser transmitidas sem que o senhor de escravos tivesse conhecimento. (FERREIRA, 2012, p.78)

O rap não se resume a um fenômeno urbano dos jovens pobres e negros das grandes cidades mundiais. Trata-se tanto de uma música (pós-moderna) – resultante de um processo de misturas sonoras de outros estilos musicais – quanto de uma estética comunitária que dá continuidade às elaborações e experiências de diásporas. Essa estética – a dimensão oral e corporal, bastante presente no hip-hop e nas demais culturas afros e indígenas – apresenta-se como um valor associado ao improviso e à roda. (FERREIRA, 2012, p.151, grifo nosso)

Desde os tempos idos da escravidão encontram-se nessas culturas as características do improviso poético, dos versos como metáforas e códigos, da elaboração de ritmos próprios, da forte presença corporal nas danças, da experiência comunitária por meio das rodas etc. Características essas que têm em comum o enfrentamento e a resistência para extravasar as mazelas da dominação a que foram e ainda são submetidos. **Funciona como uma forma de posicionamento político e inserção social.** (FERREIRA, 2012, p.152, grifo nosso)

O veículo para o ensinamento de valores da identidade negra e valores locais, comunitários (também morais e éticos) que encontraram é o *rap*. Como disse MC Nelhão em entrevista, “o *rap* é mais negro”.

Reescrevendo a história do negro

Segundo Arruti (2006, p. 41),

A noção de territorialização indicaria [...] o movimento pelo qual um objeto político-administrativo se transformou em uma coletividade organizada, implicando: a criação de uma nova unidade sociocultural mediante o estabelecimento de uma identidade étnica diferenciadora; a constituição de mecanismos políticos especializados; a redefinição do

controle social sobre os recursos ambientais; e a **reelaboração da cultura e da relação com o passado.**” (grifo nosso)

Assim, podemos entender tal processo de reelaboração como uma oportunidade de resgate, reconstituição e principalmente uma nova construção histórica para o negro brasileiro. Para o grupo de rappers, a “realidade” é a realidade negra sobre a qual querem “conscientizar”:

***Vamos mostrá pro povo a Realidade
[...]
Mostrá que negra é a nossa cor
Cor que eu honro com muito amor
Meus manos nós somos muito mais que vencedor
Agora ‘tamu’ aqui firme, forte e consciente
A nossa sigla é RN, RN, RN
(canção Realidade Negra)***

Segundo o RN, a violência é resultado da falta de consciência. Propõe a conscientização da própria história como ponto de partida, o que entendemos como um modo de lidar com a condição subjetiva ao qual são arremessados tal qual a descrição de Fanon, mencionado anteriormente, sobre o medo do negro:

***Eu to ligado que acontece aqui
Sem treta e sem tiro a parada é curtir
Eu peço a Deus que ilumine a minha comunidade
Trazendo mais cultura e menos malandragem
Rapaziada firmeza trabalha com honestidade
Campinho minha comunidade venha conhecer e fique à vontade
Não tem criminoso aqui e nem muito menos criminalidade
Rapaziada daqui vive à vontade
Liberdade pra curtir de montão
Esse é o Quilombo do Campinho sangue bom
(canção Quilombo do Campinho)***

Logo na primeira estrofe a revelação da violência. Observamos a fala de Romero, autor da canção, a respeito da letra que já começa com “sem treta e sem tiro”: “porque as pessoas achavam que aqui, porque era terra de preto, só tinha bandido, e a gente queria mostrar que não era assim”. Na canção, buscam revelar a história do Campinho para que, tomando conhecimento, as pessoas se sintam à vontade “para chegar”, sem medo, e o que podem encontrar de bom:

***Esse é o Quilombo do Campinho sangue bom
[...]
Mas aí se você quiser chegar não precisa ficar com medo
Ou se ‘pan’ meio assustado
Porque aqui quem chega é bem chegado
(canção Quilombo do Campinho)***

O que chama a atenção é o convite às pessoas com a “necessidade” de esclarecer que lá moram pessoas de “sangue bom”. No caminho de constituírem o Campinho como um espaço turístico, procuram reconstituir a opinião sobre sua comunidade – um trabalho de enfrentamento ao racismo que os isola e recrimina, afirmando-se como bons.

Souza (2014, p.5) propõe como fundamental reescrevermos a história do negro brasileiro baseando-se em fatos – dentre estes, na condição estrutural do lugar atribuído ao negro na sociedade brasileira, o que deve se dar como ponto de partida para o campo da Educação. Nesta, a questão do negro e do racismo: **“a questão do negro brasileiro é fundante, estrutural; está fincada no ponto histórico em que no Brasil a diferença se transmudou em iniquidade”**.

A sombra escravista permite meditar sobre algo mais do que a origem da distribuição desigual das riquezas na sociedade de classes. A tortura persistente, a insuficiência de pesquisas sobre a subjetividade dos grupos oprimidos, a violência repressiva, a resistência ao desvendamento do passado histórico, são só alguns exemplos. (SOUZA, 2014, p.5)

Dessa forma, desvendar a história passada, pesquisar sobre momentos históricos, refletir sobre a subjetividade seriam questões fundamentais para a formação da memória do negro no país, que oscilando entre a invisibilidade e a desconsideração, precisa caminhar no sentido da própria afirmação. Ainda, observa que devemos cuidar para que outros grupos, também sofredores de histórias de opressão e com difícil acesso a oportunidades, não sejam todos retirados de sua história específica que dá significado e desnaturaliza sua situação. Nesse sentido é necessário sublinhar que a situação do negro brasileiro possui um caráter histórico singular. Dada a condição de país essencialmente escravista, deve-se ver a condição subalterna do negro como fundante da desigualdade social brasileira. Para além das comunidades tradicionais no Brasil, como índios, caiçaras, ribeirinhos e outros, conservados às margens da sociedade e também enfrentando condições de pobreza e marginalidade política, entendemos que a situação do negro apresenta-se como exemplar, como se existisse um núcleo originário da discriminação e do preconceito.

O preconceito e a discriminação racial que marcam a sociedade brasileira tem sido comprovados cientificamente. No plano da sociologia, Hasenbalg e Valle e Silva

(2002) mostraram com base nos dados do Censo do IBGE e do PNAD, que os pretos e pardos ocupam os mais baixos graus quando comparados a brancos nas mesmas condições de nível renda em vários indicadores sociais, como escolaridade, condições de saúde, de habitação, de emprego, de vulnerabilidade às condições de risco, etc. A partir desses trabalhos, as diferenças não puderam mais ser explicadas por conjunturas históricas legadas pelo escravismo, nem como meras diferenças econômicas e políticas capazes de serem subsumidas a diferenças de classe de renda.

Para o trabalho de memória positiva do negro na história, cumpre lembrar como faz Munanga (2006) de que a história do negro deve ser recuperada em seu caráter de luta e resistência muito mais do que como ser escravizado. Em seu livro “O Negro no Brasil de Hoje”, procurou apresentar as diferentes formas de resistência do negro na sociedade brasileira lembrando personalidades históricas como Rebouças, Machado de Assis, Abdias do Nascimento, em sua luta pela positivação da imagem do negro.

Na canção “Sou quem Sou 100% Negro”, em trecho com a colaboração do grupo K2, encontramos:

***Seja no PROUNE, ENEM chego chegando / Falar de abolição, quilombo ou Wilton
(Milton) Santos / E na dimensão ciência e sabedoria / K2 entra em cena, cinema, filosofia /
Frequentar a escola, fazer o colegial eu quis / Entender o racismo na parte estrutural do
país
(Canção Sou quem sou 100% negro)***

Com este trecho observamos que os grupos de rappers apresentam, ao mesmo tempo, disponibilidade para o enfrentamento dos critérios de avaliação educacional, tal como o ENEM, mas também fazem sua solicitação para que a educação contemple sua história realmente vivida. Observam, com a canção, o racismo estruturando as relações sociais brasileiras – o que gostariam de ver ensinado na escola – fato histórico omitido e que agora pede para ser contemplado com a lei 10.639/03, que inclui no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade do estudo da história e cultura afro-brasileira.

O Guerreiro

A principal forma de enfrentamento do RN está constituída a partir do modelo do “guerreiro”. O grupo RN e outros rappers propõem como forma de reconstrução da história do negro, o imaginário do “guerreiro”. Zumbi dos Palmares, tomado como exemplo quase mítico para a luta pelos direitos sobre a terra e resistência vem de encontro com a expectativa de configuração de um modelo para esses rappers do RN, principalmente após a conquista de sua titulação. Zumbi dos Palmares, como ideal, também aproxima-se do ideário protestante fundamentado na conquista pelo próprio trabalho. O guerreiro é, assim, um referencial de comportamento cotidiano e luta pela causa negra e comunitária.

Afastando-se também dos heróis consagrados por filmes, desta vez o herói não é supra-humano e abarca características de luta e resistência dos mortais apresentando-se como um modelo para a luta negra. Este guerreiro é composto por aqueles que “dão um trampo pra fazer a sua”, isto é, se esforçam todo dia:

***Guerreiro, guerreira isso é pra quem é
'Nóis' é 'nóis' e sem essa de Zé Mané
Aí vai um salve do fundo do coração
Como é que é parceiro sangue bom
(canção: Quilombo do Campinho)***

Ainda, é o hip hopper lutando para se expressar pela arte e através dela revelar conteúdos fundamentais, principalmente congregando valores religiosos e de pele preta. Acima de tudo, de persistência:

***Diretamente do Quilombo os nequinhos se assume
É muita treta quando os guerreiros se une
[...]
O exército de calça larga e pele preta
Vixi é muita treta, vixi é muita treta
Porque o povo unido estremece o sistema
Se juntos bater de frente, vai causar muito problema
Se quer melhoras, só depende de você
Descruzar os braços e fazer acontecer
A vida é louca, eu ouço isso o tempo inteiro
Eu e você, você e eu, “nóis” é guerreiro’
[...]
O exército caminha mesmo que tá embaçado
Se tá firmão, irmão, aí sem palavras
Não é pra qualquer um, então se liga, qual é
Combate o bom combate, encerra a carreira e guarde sua fé
Vixi, e guarde sua fé, assim que é
(canção: Deus primeiro depois os guerreiros)***

Assim, o RN propõe esse guerreiro – tal qual outros rappers o fazem em suas canções - como um referencial de comportamento cotidiano e luta. É aquele que se apresenta como um modelo de herói para o povo negro porque se apropria da história de seu povo e a partir do conhecimento dela, e retorna a si mesmo com valorização da sua cor negra. Os moldes de valorização se assemelham à afirmação da negritude sob moldes americanos, o que podemos compreender como apropriados pelos rappers talvez através dos raps e também da igreja protestante. É neste cenário em transformação que compreendemos o modelo do guerreiro, aquele que faz arranjos para sobreviver e que promove o pensamento positivo e auto-estima. Segundo Abumansur (2011), “ninguém se torna pentecostal à toa. Na transição do tradicional para o moderno, o pentecostalismo serve de guia, conforto e porto seguro para as populações que vêm o mundo ao redor se derretendo.” (p.414)

Na verdade, o pentecostalismo se apresenta como uma religião maleável, plástica e em conformação com as formas populares e tradicionais de leitura da realidade. Ele se sobrepõe ao catolicismo à medida que formas mais afeitas à racionalidade moderna nas relações de produção vão se instaurando, quer nas zonas urbanas ou nos grotões desse Brasil. (ABUMANSUR, 2011, p. 413)

Apresenta-se, então, o esboço do mosaico composto de aspectos das propostas do Grupo Realidade Negra para a reconstituição histórica que retira o negro da invisibilidade histórica. Zumbi dos Palmares, como uma síntese do guerreiro, é um modelo que incorpora diversos valores e os reafirma, onde é fundamental a lembrança da luta de seus antepassados (pela terra) e também os valores que unem sua comunidade – ancestralidade e pertencimento.

Ancestralidade e pertencimento

Os antepassados e os núcleos familiares e comunitários compõem os aspectos para a nova reconfiguração identitária de quilombola bem como para a positiva afirmação do passado histórico para o RN. No encarte do CD, os rappers agradecem seus avós, tios e tias, a quem homenageiam, e às pessoas da comunidade. Reafirmam os valores ancestrais e herdados, fazendo uma afirmação positiva da comunidade.

A família RN dedica esse trabalho à Vó Delaide (em memória) e ao Vô Bié que representam a luta de um povo pela garantia de um ideal que se fundamenta na liberdade, na territorialidade, na cultura e na coletividade que nos faz atravessar séculos resistindo a opressão do sistema que nos escravizou e depois quis nos extinguir, porém desconsiderou que Quilombo é sinônimo de africanidade, e é isso o que nos mantém firmes.

Dedicamos também a todos os guerreiros e guerreiras que estão espalhados por aí nos quilombos, nas favelas, nas aldeias, nas perifas, nos sertões e nas mais longínquas comunidades tradicionais, onde sequer imaginamos que possam existir, mas estão ali batendo de frente contra o sistema.

Também a vocês manos e minas do rap que a milianos estão fazendo a resistência da cultura hip-hop, servindo de referência para muita gente que como nós acaba descobrindo que o rap é uma saída.

A você que nos ouve e curte o nosso trampo, contamos com cada um e cada uma para seguir na caminhada, pois só vamos seguir adiante se tiver Deus primeiro e depois os guerreiros.

Por fim, dedicamos esse trabalho a Deus, porque dele e para ele são todas as coisas (encarte do CD “É prus guerreiro a missão”)

Na dedicatória, um dos primeiros aspectos: a ancestralidade – a valorização de onde se veio – principalmente para a transformação das bases curriculares que privilegiam o ensino de história do Brasil. Nesta valorização, encontramos a apreciação da luta de gerações próximas – avôs, avós, tios, tias como argumentação para a continuidade da luta atual.

O conceito de ancestralidade, conforme revelado pelos rappers, se intercepta com um feixe de outros conceitos tais como liberdade, territorialidade, cultura (expressões culturais) e coletividade (liames comunitários) que se configuram como motivos para a luta presente. O seu modo de ser “agradecido” e procurando observar aqueles com quem compartilham suas conquistas e vitórias estimulam o desenvolvimento de uma atitude de agradecimento em oposição à queixa e revolta – e reconhecem os “parceiros” a cada conquista.

***Aí Nelhão lembra quando fomos com o nosso Avô na cidade?
Comprou um violãozinho pra você pra mim e pro Daw
Grande violeiro e muito considerado
E por falar nele aí, faz muito tempo
Que ele se foi, poucas coisas eu me lembro
Aí só a lembrança fica pelo ar
Do tempo que se foi pra nunca mas voltar
(Canção Tempo que não volta)***

***Que o negro da favela se erga seja solícito (lícito) / Moral para os mais velhos que não
tem culpa disso /
(Canção Sou quem Sou 100% negro)***

O “Sistema” como a naturalização da condição negra como subalterna

Ao racismo naturalizado e às permanências históricas da condição negra, nomeiam como o “sistema” em suas canções, mencionado várias vezes com múltiplos significados.

A questão da violência está tanto no racismo naturalizado no cotidiano como na violência explícita que mata tantos jovens, principalmente negros. O Grupo RN considera o processo de educação/conscientização como fundamental – entendem a violência como, principalmente, falta de consciência, e propõe a moral religiosa como o caminho para a ordenação do espírito:

***Violência social isso não é legal
Amigos que convivem na mesma sociedade
Matando seus irmãos por causa do crack
[...]
Violência, falta de consciência
Das pessoas que não entendem essa situação
Que não compreende que somos todos irmãos
Sem contar daqueles que se acha melhor que o outro
Só porque tem um tanto e o outro outro
Pare com essa bobagem
Isso que tá fazendo é a maior viagem
Eu já to cansado do que passa na reportagem
O filho que mata o pai, o pai que estupra a filha
Destruição entre as famílias
Mas em nome de Jesus nós venceremos essa parada
Chega de violência em nossa quebrada
[...]
Eu espero que você tenha aberto a mente
Segue seu caminho mas sempre consciente

Porque a violência não é a malandragem
Se os outros não quiser para pelo menos faça sua parte
Pare e pense no que tá fazendo
Não é você mas pode ser seu próximo que está sofrendo
No mesmo lugar na mesma sociedade
(canção: Violência Social)***

Essa conscientização, assim, também se compõe do conhecimento da bíblia, uma conscientização religiosa que os auxiliará a manterem-se no caminho “certo”:

***Que Jesus vai voltar aqui na terra
O povo vai para de sofrer e vai acabar a guerra
(Realidade Negra)***

Propõem-se como portadores de algo que devem ensinar, revelar, para que outros também se previnam, percebam os contextos onde estão, esse “sistema” que entendem como a naturalização do modo como são tratados (maltratados) e lhes

determina o destino. Mencionam pessoas que morreram em situações de violência, pelo “sistema”:

*Me lembrei das pessoas que não vi nunca mais
Tipo o Izo, o Geco amizade de verdade
Tayrinne, Roberta todos que se foram aqui deixam saudade
Fazer o que se essa é nossa sina
Fazer o que se não temos sete vidas
Aqui eu faço a minha faça sua parte
Contra o sistema lute, reaja
Olho para frente não posso olhar pra trás
Porque o tempo não se volta só se anda mais
Então ‘vamu’ em frente tenho que continuar
(canção Quilombo do Campinho)*

Essas perdas também se revelam na canção “Tempo que Não Volta”:

*Alguns amigos não existem mais
São tantas coisas que ficaram pra trás
São tantas coisas não da pra lembrar
Alguns momentos bons alguns momentos maus
Pessoas que foram sem dizer adeus
Eles não esperavam nem muito menos eu
São coisas da vida que não tem como evitar
Igual o tempo que se foi pra nunca mais voltar
(Canção Tempo que não volta)*

A tristeza da perda de pessoas revela que compreendem a perda como resultante de algo mobilizado pelo “sistema”. Apresentam-se como exemplos de enfrentamento – resistir ao sistema é o mote para a luta:

*Não entregamos ao sistema como muitos fazem
Quando vão perceber já era já é tarde
Aqui o povo luta forte cheio de determinação*

Quilombo do Campinho força e união

Revelam, portanto, o conhecimento de que há um caminho tendencioso denominado pelo grupo de “sistema” que, através de certos modos, o encaminham para um destino trágico. Entendemos, a partir de suas canções, que o principal modo que os situa numa posição de imobilidade e impotência, encerrando principalmente o negro jovem e pobre é o racismo. Este o grupo propõe que seja combatido pelo conhecimento, ao que chamam de consciência, de todos da comunidade e de todos os pretos em geral: de que há uma força naturalizada (sistema) que os elimina, os renega – assim, ser trabalhador, enfrentar o cotidiano acreditando em Deus, valorizar a comunidade e abrir-se para que as pessoas os

conheçam com seu “sangue bom” vem opor-se ao modo naturalizado de achá-los criminosos, de encerrá-los no próprio medo branco.

Este “sistema” invisível, portanto, neste momento primeiro se revela como o modo naturalizado de considerá-los criminosos e perigosos e temê-los, imbuído nas atitudes diárias das pessoas com que se relacionam. O sistema invisível também os torna “invisíveis”. Ainda que diante de inúmeras solicitações para que fossem colocados redutores de velocidade na estrada BR-101, que foi construída “rasgando” o Campinho ao meio, concluída em 1970, nunca haviam sido atendidos, até que no período de nossa pesquisa mais um morador do Campinho foi atropelado e, desta vez, a comunidade fechou a estrada com galhos de árvores flamejantes. Em função do problema causado, a mídia se apresentou para noticiar e foi, assim, colocado um radar controlador de velocidade (60 km/h), no intuito de desacelerar os veículos e reduzir as mortes no local.

A canção “Ano de Lamento” relata a dor de um dos rappers, autor da canção, no caminho de ir encontrar sua irmã e dois sobrinhos que sofreram um acidente. A dor da perda, o desespero no momento do recebimento da notícia, o modo como descrevem o estado subjetivo no momento revelam a dificuldade de suas vidas.

**Tem tantas histórias em muitas famílias / E o sofrimento acompanha o dia-a-dia / Morte,
choro aprisionado ao pensamento / Assim eu vou vivendo, ano de lamento**

Não podemos deixar de nos perguntar por que seus pedidos não foram ouvidos e relacioná-los à naturalização do racismo.

***Aí Nelhão tua irmã acaba de morrer
Vixi, me arrepiei e não acredito
[...]
Minha mãe desce correndo sem dizer pra onde ia
[...]
Continuei então, e daqui eu posso ver um caminhão
E uma lona amarela esticada no chão
Várias pessoas ao redor era uma multidão
Lágrimas caem no chão
Vou lá pra conferir não vou ficar aqui
Meu corpo todo tremendo vou mesmo assim
Quero ver minha irmã, preciso ir
Chegando no local, desespero total
Já posso ver aconteceu um acidente aqui
Minha irmã morreu, é lamentável e triste pra mim
(Canção Ano de Lamento)***

Em um segundo momento, agora na canção Terra de Quilombo, o “sistema” é o “opressor” formado pelas elites privilegiadas ou órgãos governamentais que desconsideram sua posse da terra, sua territorialidade, e lhes expulsam de seus direitos para proveito próprio:

*Os latifundiários e o poder do capital
Querem ver nossa cabeça na página principal
Elegem senadores, deputado tem uma lista
Sustentando a podridão é a bancada ruralista
A história vai se repetindo só muda o lugar
Em cada quilombo um opressor tentando nos derrubar
Barragens hidrelétricas, órgão ambiental,
Transposição do Velho Chico, lançamento espacial
Ó o que tá chegando aí cuidado com o pré sal
Em pleno século vinte atitude tão hostil
Até mesmo a Marinha de Guerra do Brasil
Invadiu a Marambaia sem pena e sem pudor
Isso é filme de ação ou é filme de terror?
No Norte do Espírito Santo quem oprime é a Aracruz
Temos que vencer o ‘Demo’ em nome de Jesus
(Canção Terra de Quilombo, Quilombo do Campinho)*

Em um terceiro momento, o “sistema” é o mercado de consumo, estimulado pela mídia, que prende as pessoas da comunidade, principalmente as crianças, em uma teia de necessidades que as afasta de práticas que seriam os valores que sustentam o próprio grupo. O sistema, aqui, se revela no vídeo game que afastam as crianças de brincadeiras interativas que fortalecem os vínculos entre eles:

*O tempo se passou muita coisa que mudou
Mas minha memória ainda não se apagou
Ainda eu me lembro do meu tempo de ‘muleque’
Esse tempo aí ninguém esquece
Jogava bolinha rodava pião
Mas futebol era a maior diversão
Eu tive até lembrando aí da velha escola
Era na estrada onde batia uma bola
[...]
E os ‘muleques’ crescem rápido demais
Sem perspectiva de um bom relacionamento
Entram pro crime e aí eu só lamento
Vão se iludindo com o que passa na TV
Em meio ao desespero e não tem pra onde correr
Sinceramente saudosamente eu voltaria atrás
Pra viver no tempo que se foi
Pra não voltar nunca mais
(Canção Tempo que não volta)*

Canção “Sou quem sou 100% Negro”

A canção *Sou quem sou 100% negro*¹⁰, nos encaminha para o desenvolvimento da reflexão sobre a formação da identidade negra. O RN, nessa canção, procurou abarcar as repercussões subjetivas do caráter estruturante do racismo na sociedade brasileira.

Na canção, a subjetividade de uma criança foi ferida pelo maltrato do racismo e ao invés de ficar imobilizada pela situação (trauma?), ela debruçou-se a investigar o que estava se passando. Esse movimento de desconfiar de que algo estava errado e não aceitar passivamente o lugar/papel a ele atribuído já apresenta uma disponibilidade para o enfrentamento, ao conflito. Assim, foi descobrindo a história estrutural de desrespeito ao seu povo negro. Compreendendo os valores de seu povo, no caminho dessa descoberta, apropriou-se de sua comunidade e descobriu que a força para o enfrentamento da situação ancora-se na identidade negra que ele pouco a pouco vai incorporando a partir de falas de auto-estima e auto-respeito. Compreendendo os valores de seu povo, no caminho dessa descoberta, apropriou-se de sua história e dos valores de sua comunidade e descobriu que a força para o enfrentamento da situação ancora-se na identidade negra.

Sou quem sou tenho a cor da noite e a noite a minha cor / Eis aqui uns neguinhos, um sonho e muita luta / Distante de tudo e de todos né meu truta / Andava na rua motivo de mal olhado / Não aceitava a forma que era tratado /

Então me explicaram o que eu não entendia / Mano aconteceu tantas coisas cê nem imagina / Morte, sequestro, covardia, escravidão / Não é de agora essa perseguição / Por isso eu te digo honra a sua cor / E seja você, aonde for /

Só que eu olho a maioria é minha raça que tá no presídio / Morto por tiro maior parte parece comigo / A vida me ensinou partir pra cima nego / Não pela emoção e sim pelo amor / Senhor de Engenho, Barão, Rei do Café / Querem fazer de tudo para não me ver em pé / [...]

Refrão: Honre a sua raça, honre a sua cor / RN e K2 eu sou quem sou / Honre a sua raça, honre a sua cor / Realidade Negra 100% Negro //

Falem de mim o que quiser assim é / Sou pobre, preto, quilombola, eu não sou Mané / Tenho orgulho do que sou, vou honrar a minha cor / RN e K2 (ou Realidade Negra) sou quem sou / [...]

Aí racista não vem que não tem / Se não gosta de preto pinta o cabelo de loiro também / [...]

Realidade Negra invadindo sua mente / Com um som positivo, um som consciente / Correndo pelo certo pelos nossos direitos / Muito sucesso para o povo preto

¹⁰ Música 100% Negro: disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=I5HAExZwJ2k>, acesso em 08 Fev, 2014.

Este *rap* apresenta a percepção peculiar do grupo, uma espécie de reedição da história vivida pelos afrobrasileiros, compondo uma espécie de proposta de reparação, ao mesmo tempo de cura e de formação sobre a história vivida pelo povo negro, onde se revela e se apresenta a ponta da pirâmide¹¹ sobre todos os conteúdos que o sustentam, uma pirâmide em movimento de rotação e translação. Podemos entendê-lo como um ritual de atualização da história ancestral, presentificação dos valores herdados e projeção para o futuro, onde a identidade negra é reeditada no caminho da conquista de direitos e oportunidades. A noção de identidade negra é nuclear, fundamental, formada a partir de um ritual que se constrói em um movimento gradual de reconhecimento.

Cabe adiantar que os autores da canção não haviam percebido que em sua composição poética iniciaram com o relato da história vivida pela criança com o verbo na primeira pessoa do singular “eu”, como pode ser observado abaixo, e a partir do conhecimento da história do sofrimento do povo negro e da valorização dos aspectos de sua cultura, o verbo da canção passa para a primeira pessoa do plural, “nós”, na medida proporcional da conquista dos valores de sua identidade e do pertencimento. Um “eu” que se transforma em “nós” na canção é a proposta para a subjetividade ferida: “eu ferido” que se apropria de sua identidade negra, “nós”, no caminho da autoestima. Estar sob a força, valorização e exaltação do “nós” é a própria essência da epopeia – um *rap* que realiza um ritual como uma epopeia para alterar a tragédia construída socialmente para o povo preto.

O caminho, assim, está em honrar a própria cor, sua identidade negra, reconhecer-se como tal, correr pelos direitos, reverenciando o passado e dando valor ao presente.

Considerações

Buscar a história do negro, construindo-a e reconstituindo a passagem do negro no contexto brasileiro constitui-se de fundamental importância para o atendimento à lei

¹¹ Em entrevista, os *rappers* explicaram-me que entendem sua produção artística *rap* como o cume de uma pirâmide, onde estão assentados em inúmeras características de herança africana que se traduzem em sua música.

10.639/03. O caminho de busca identitária como quilombola pelos rappers pesquisados os encaminhou à investigação de sua história e contexto, o que buscam realizar com justaposição de ideais na composição positiva da história do negro. Tomar como modelo Zumbi dos Palmares caracteriza uma das formas de reconstrução histórica com a imagem de um herói. A presença da formação evangélica também se faz marcante na composição de seu passado e ordenação do presente, além da valorização de antepassados e da comunidade. Essa forma de construção do passado assemelha-se à referência proposta pelo termo quilombismo, de Abdias do Nascimento.

Entendemos que as configurações identitárias desse grupo de rappers, firmando-se no lastro da territorialidade e da ancestralidade, compõem um lugar de luta que retoma a autoestima como força motora a partir da qual a emancipação pode se dar para toda a comunidade e outras comunidades periféricas.

Referências

- ABUMANSUR, Edin “A conversão ao pentecostalismo em comunidades tradicionais”. In: **Dossiê: Pentecostalismo no Brasil**. Horizonte, Belo Horizonte, v. 9, n.22, p. 396-415, jul./set.2011 – ISSN: 2175-5841.
- ARRUTI, José Maurício. **Mocambo: antropologia e história do processo de formação quilombola**. Bauru, SP: Edusc, 2006. 370p. (Coleção Ciências Sociais)
- CARRIL, Lourdes. **Quilombo, favela e periferia: a longa busca da cidadania**, São Paulo: Annablume/FAPESP, 2006
- FANON, Frantz. **Pele negra, Máscaras Brancas**. Salvador: Edufba, 2008 [1952]. 193p.
- FERREIRA, Maíra Soares. **A rima na escola, o verso na história**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2012. 240p.
- FOLDER “Roteiro Etno-Ecológico”, Turismo Cultural de Base Comunitária, s/d.
- GUIMARÃES, Antônio Sergio Alfredo. Como trabalhar com “raça” em Sociologia. In: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 93-107, 2003.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro-11. Ed.- Rio de Janeiro: DP&A, 2006. 97p.
- HASENBALG, Carlos; SILVA, Nelson do Valle. (orgs) **Origens e Destinos: Desigualdades sociais ao longo da vida**. Rio de Janeiro, RJ: Topbooks Editora e Distribuidora de Livros Ltda., 2003, 480p.
- MUNANGA, Kabengelê. **O Negro no Brasil de Hoje**. Kabengelê Munanga, Nilma Lino Gomes – São Paulo: Global, 2006. 224p. (Coleção Para Entender)
- NASCIMENTO, Abdias. O quilombismo. 2 ed. Brasília/Rio: Fundação Cultural Palmares; O.R. Editora, 2002. Disponível em http://www.abdias.com.br/movimento_negro/quilombismo.htm. Acesso em 10 Out, 2016.
- SOUZA, M. C. C. O medo de que os negros entrem na escola: a recusa do direito à educação no Brasil. *Revista da ABPN*, América do Norte, 6, fev. 2014. 20p. Disponível em: <http://www.abpn.org.br/revista/index/edicoes/article/view/414/288>. Acesso em: 11 Mar. 2014.

WASELFISZ, Julio Jacobo. Mapa da Violência 2016: homicídios por armas de fogo no Brasil. Rio de Janeiro, RJ: Flacso. 2015. 71p. Disponível em http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2016/Mapa2016_armas_web.pdf. Acesso em 15 Out, 2016.

Referência de áudio: REALIDADE NEGRA, CD “É prus guerreiro a missão” ao vivo, novembro de 2009